



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

Memorial do projeto

**MALDITO E BENDITO:
UM ENSAIO SOBRE O NÃO PERTENCIMENTO.**

Carlos Vinícius de Oliveira

BRASÍLIA - DF
2019

Carlos Vinícius de Oliveira

Memorial do projeto

**MALDITO E BENDITO:
UM ENSAIO SOBRE O NÃO PERTENCIMENTO.**

Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Comunicação Organizacional.

Orientadora: Profa. Erika Bauer de Oliveira

BRASÍLIA - DF
2019

Carlos Vinícius de Oliveira

Memorial do projeto
**MALDITO E BENDITO:
UM ENSAIO SOBRE O NÃO PERTENCIMENTO**

Memorial do projeto apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Comunicação Organizacional.

____/____/____

Membros da banca examinadora

Orientadora

Profa. Erika Bauer de Oliveira

Membro 1

Prof. Carlos Henrique Novis

Membro 2

Profa. Kelly Tatiane Martins Quirino

Suplente

Profa. Elen Cristina Geraldês

Aos sete anos de estudo na UnB,

Aos quatro semestres de estudos no curso de Ciências Contábeis,
que me mostraram que minha paixão por matemática poderia ser
explorada de outras formas,

Aos dois semestres de Ciências Sociais, que mudaram
drasticamente a minha percepção de mundo e de responsabilidade
social,

Aos oito semestres de Comunicação Organizacional, que me
tornaram um cidadão comprometido com o país em que vivo,

À Yara Martins e Bruna Passos, e aos inúmeros trabalhos que
fizemos juntos com muita parceria e carinho,

Ao Lucas Sander e Sthelen Costa, que foram essenciais como
uma rede de apoio durante essa caminhada,

À querida Rosa Helena, que sempre me recebeu com sorriso e afeto
na secretaria deste departamento,

À Profa. Elen Geraldine que despertou o interesse e a busca pelo
conhecimento de uma comunicação humanizada,

À Profa. Liziane, que atendeu a um pedido que favorecia a todos os
alunos que não possuíam computadores, e até mesmo àqueles que
os possuíam, para utilizarmos os laboratórios de informática sem
ter necessariamente uma disciplina matriculada,

À Profa. Kelly Quirino, que em um momento difícil me deu garras
e motivações para permanecer nesta faculdade

À Profa. Erika Bauer que caminhou junto comigo na conclusão
deste trabalho e acreditou no meu potencial
me encorajando e me dando forças para a
realização do mesmo,

A Zenei Santiago, pela ajuda na revisão deste trabalho, apoio e
incentivo a esta obra,

Ao Daniel Campos, Nathália Mendes e Martha Suzana que me acolheram ao mostrar ser possível ter um lar com amor e respeito, respeitando a minha individualidade e incentivando a busca da minha identidade,

A Lídice Silveira, Yná Olfenza, Catarina Fernandez, Malena Stefano, Patrícia Nascimento e a todas e todos que compartilho uma amizade com profundo agradecimento e admiração no qual tive a honra de conhecer no apartamento 202,

À Bruja, a gatinha mais carinhosa e simpática que conheci e que me conquistou por completo, deixando um legado em relação ao mundo animal para mim,

À cena ballroom de vogue em Brasília, em especial à kiki Casa de Olfenza, que me fortalece através da dança, performance, moda, auto-cuidado, respeito e comunidade,

E aos amigos, professores, técnicos, terceirizados e todas as alianças que contribuíram para que fosse possível a minha formação, meu profundo agradecimento.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina. O saber se aprende com mestres e livros. A Sabedoria, com o corriqueiro, com a vida e com os humildes. O que importa na vida não é o ponto de partida, mas a caminhada. Caminhando e semeando, sempre se terá o que colher. (CORA CORALINA, 1983, p.136)

RESUMO

O presente trabalho integra o projeto de conclusão de curso de Comunicação Social, com ênfase em Comunicação Organizacional, da Universidade de Brasília e apresenta um vídeo arte intitulado “Maldito e Bendito: um ensaio sobre o não pertencimento”, um vídeo experimental, com duração de 8 minutos, retratando o sentimento de não pertencimento através de uma leitura poética de espaços urbanos. Neste memorial, apresentam-se as motivações por trás da pesquisa que levaram à produção deste produto, explorando as decisões que trilharam este projeto desde a sua concepção até a conclusão, fazendo um paralelo entre o sentimento apresentado e a ocupação urbana em espaços públicos.

Palavras-chave: não pertencimento; espaço público; vídeo arte.

ABSTRACT

The present work integrates the final project for the conclusion of the degree in Social Communication, with emphasis on Organizational Communication, at the University of Brasilia and it presents an art video entitled “Cursed and Blessed: an essay about the non-belonging”, an experimental video, lasting 8 minutes, depicting the feeling of not belonging with a poetic reading of urban spaces. In this memorial, it presents the motivations behind the research that led the production of this product, exploring the decisions that followed this project from its creation until its conclusion, making a parallel between the feeling displayed and the urban occupation in public spaces.

Keywords: non-belonging; public space; art video.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 NÃO PERTENCIMENTO.....	10
2. OBJETIVOS	15
3. JUSTIFICATIVAS	16
4. METODOLOGIA	18
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO	18
4.2 PRODUÇÃO.....	19
4.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	21
5. DESENVOLVIMENTO	22
5.1 NATUREZA	23
5.2 RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO	26
5.3 MUSEU NACIONAL.....	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS.....	36
7.1 BIBLIOGRAFIA	36
7.2 DISCOGRAFIA.....	36
7.3 VIDEOGRAFIA	37
ANEXO A - PRODUTO	38
ANEXO B - EQUIPE	38
ANEXO C - POESIA AUTORAL: PARTE I	38
ANEXO D - POESIA AUTORAL: PARTE II.....	39

1. INTRODUÇÃO

Para contar a construção da minha obra, devo compartilhar alguns aspectos da minha vida que revelam a intimidade com o sentimento pautado na essência dessa performance, o não-pertencimento. Além disso, compartilho minhas motivações e os anseios que busco na produção e realização desta obra.

O não-pertencimento é um sentimento que me acompanha há muito tempo. Uma vez compreendido e legitimado por mim, dentro da minha história pessoal e atrelado à construção social na qual estou inserido, compreendi que esse desconforto está nas minhas memórias mais antigas. Enquanto um jovem gay latino-americano nascido na década de 90, a falta de referências e um ambiente familiar pautado no afeto e religião, foram decisivos para minha formação.

A negação era uma ferramenta de constante utilização que me abrigava e me defendia da realidade punitiva. Para que eu me sentisse aceito, e não rejeitado, pertencido, e não exilado, me submetia à extrema busca pela perfeição. O desejo de ser o melhor filho, o melhor estudante, o melhor católico, a pessoa mais educada que eu poderia ser, era constantemente pressionado pela esfera social ao meu redor.

Para entender do que se trata a negação, é necessário entender como ela está sendo tratada neste trabalho, como discorre o autor Maturana e a autora Rezepka:

Quem busca a sua identidade fora de si está condenado a viver na ausência de si mesmo, movido pelas opiniões e desejos dos demais, “não estará nem aí”.
(MATURANA e REZEPKA, 2003, p.10)

É um processo extremamente doloroso entender quem somos enquanto pessoas que não alcançam em nenhuma esfera real a possibilidade de performar o que nos é esperado enquanto seres capazes de merecer afeto. E com essa dor, a negação se tornou a melhor aliada em termos de defesa dessas pessoas e dessas bolhas sociais. Foi

complexo entender a minha identidade enquanto um ser que não atendia às normas sociais que ali regiam.

A negação que a mim era submetida, sob pressão da manutenção de opressões heteronormativas, foi essencial para que nunca fosse possível durante minha infância e adolescência o desenvolvimento de um sentimento objetivo que me permitiria me entender e conhecer enquanto uma pessoa com sentimentos e vulnerabilidades extremamente expostos e destoantes da norma apresentada.

A heteronormatividade seria a conduta moral na qual se define como "certa" a ser seguida pelos homens e pelas mulheres, ou seja, todas as demais possibilidades de desejos, prazeres, vidas existentes que não se enquadrem nesta norma é como "anormal". O que isso significa? Que os sujeitos não-héteros são "desviantes" por apresentarem formas de vivenciar seus prazeres diferentes dessas "normas". Além desses setores utilizarem este espaço para impor as normas que os sujeitos devem incorporar, se aproveitam também desses meios para invisibilizá-los, marginalizá-los e negar sua existência. (PASSOS e SILVA, 2012, p. 3)

Não consigo definir em um espaço temporal quando a negação começou a ser percebida em mim enquanto uma ferramenta que escondia de mim mesmo algo do qual tinha muito medo. O constante medo de ser rejeitado, de não alcançar os padrões estabelecidos por aqueles que queriam em recompensa do afeto dado a mim, uma performance semelhante à deles, e assim me colocavam em uma situação de extrema carência e dependência emocional. Sem qualquer possibilidade de me emancipar enquanto uma criança que sente e tem desejos que machucam apenas a valores brutalmente colocados como normas universais.

Esse sentimento começou a ser identificado uma vez que as agressões foram aumentando e se intensificando ao longo do tempo. Não era possível me sentir pertencido dentro de nenhum grupo social. Na escola, sofria bullying pela minha feminilidade. Entre os meus amigos, minha sexualidade era sempre questionada e sempre exigiam provas para refutação da mesma. Em um aspecto familiar e religioso,

qualquer situação que fugisse da norma esperada era imediatamente punida e justificada por dogmas religiosos.

Aos poucos, comecei a entrar em um ciclo de julgamento entre certo e errado para além de uma visão individual e construir um olhar tóxico para mim e para todos em minha volta. Enquanto pessoas heterossexuais eram ditas como pessoas que pecavam, as pessoas homossexuais eram ditas como pecadores, portanto não existia a possibilidade de me permitir ser um deles.

Esse choque entre valores e percepções do outro sobre mim foram decisivos para um intenso sofrimento em que a cura era a minha principal pauta nas orações, embora não estivesse claro para mim que a minha sexualidade era, de fato, não heterossexual por uma sólida negação.

Em momentos de retiros religiosos, o sofrimento e a dor em não ser heterossexual, e principalmente em não atender a essa expectativa da minha família, me colocavam em uma posição de extrema vulnerabilidade na qual eu seria capaz de tudo para ser amado e jamais rejeitado por aqueles que diziam me amar.

Ao chegar à faculdade, com toda essa carga religiosa e emocional de alguém com um enorme medo de rejeição, me permiti formar opiniões que não dependiam de um outro para serem validadas ou reproduzidas. Pela primeira vez na minha vida já não era necessário reproduzir pensamentos, pois a possibilidade de construção era uma realidade encontrada em mim.

Era possível falar muito mais do que poderia imaginar e me entender enquanto um sujeito que existe e nunca vai atender a expectativas irreais e injustas sobre mim. Era possível ter carinho e respeito comigo mesmo, sem julgamentos atravessados por um olhar que não era o meu. Era possível não se sentir pertencido e entender esse sentimento com mais intimidade.

Essas transformações possibilitaram o surgimento de um amor comigo mesmo, irreverente a qualquer culpa sobre a minha existência ou julgamento do meu caráter pela simples inocência e natureza da minha sexualidade. Ela é minha e faz parte da minha experiência enquanto um ser que sente, sofre, chora, ri, e apenas quer viver com amor e afeto.

Entender quem sou desconstrói muralhas e permite a construção de uma honestidade e um compromisso comigo mesmo. Contudo, o não pertencimento continua forte e latente. Ainda se trata de um sentimento desconfortável, que remete à minha infância, onde precisava me negar para ser aceito. Onde era necessário sempre agradar para ter carinho. Sempre estar disponível para escutar até mesmo quem me machucava.

Com muita dificuldade, e tentando explorar ao máximo a minha capacidade de ser paciente comigo mesmo, sem trazer a herança da culpa de ser o que não agrada o valor alheio, busco criar uma rede de apoio que permita me conectar com profundidade e integridade. Entretanto, ainda não tenho autonomia de sair de alguns espaços de desconforto e me questiono constantemente se o problema está em mim ou nestas relações que me cercam.

A binariedade entre certo e errado, justo e injusto, bom e ruim, é uma variável presente na minha vida desde a infância. Mesmo entendendo as infinitas possibilidades para além de algo estar certo ou errado, continuo em uma intensa busca do que é bom ou não, em que a culpa perpassa sobre minha mente e finaliza em um julgamento injusto comigo mesmo.

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsciente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2009, p. 97).

Nessa complexa busca, mesmo que seja inconsciente, a reflexão de que talvez esse ideal nunca seja alcançável, mas apenas um encantamento artificial colocado como felicidade em uma sociedade capitalista e construída a partir de relações de poder, me questiono se é possível viver sem esse sentimento e subverter a lógica à qual me condicionaram e que continua na manutenção dessa opressão.

Nesta obra, busco através do sentimento de não pertencimento, explorar sensações, aflições e permitir a composição em uma esfera sentimental que integra a existência do meu ser e entende que sou apenas um jovem gay latino-americano, criado por uma família religiosa, sem dinheiro no bolso¹ e tentando sobreviver ao que me foi

¹ BELCHIOR. Apenas um rapaz latino americano. 1976. Alucinação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wk9JsWYIIWE>. Acesso em 24 de nov. 2019.

oferecido. Sou apenas mais um entre tantos. Sou Carlos, sou Marcos, sou Valentino, sou Roberto, sou Juanes, sou João, sou Vinícius.

2. OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo central a construção de um vídeo experimental que utiliza a arte para discutir sobre o sentimento de não-pertencimento através de uma trajetória pessoal. Ele procura elaborar configurações poéticas com a relação que temos com os espaços públicos para elucidar como esse sentimento se movimenta nas dinâmicas empregadas à minha individualidade no coletivo.

Como primeiro objetivo específico, pretende-se relacionar este sujeito com os estigmas dados a ele pela diferenciação da sua forma de coexistir com o mundo ao seu redor. Por meio da descoberta e experimentação de novos olhares, a realidade a ele empregada. Pretende-se ainda, traçar um paralelo entre o desconforto inerente à busca de encaixar-se em normas presentes naqueles espaços.

3. JUSTIFICATIVAS

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão veio de um lugar de muita dor e sofrimento. Foi extremamente difícil escolher qual seria a melhor forma de realizar um projeto no qual eu poderia compartilhar com outras pessoas sobre as minhas dores. Esse compartilhamento em questão, não tem por objetivo receber atenção de outros, contudo, em sua complexa honestidade, busca suplicar por socorro e expurgar a raiva e dor presente não apenas em meu corpo físico, mas também na contradição de no final ser ouvido por outro.

Desde que comecei o curso de comunicação nesta universidade, o trabalho de conclusão enquanto produto era o meu objetivo. Acredito que seja um formato interessante para além da produção acadêmica tradicional. Os trabalhos e pesquisas são extremamente importantes para produção intelectual e manutenção da construção do saber científico. Contudo, o desejo de criar um produto que pudesse ser facilmente entendido em sua esfera performática por pessoas além da universidade é, no mínimo, tentador.

Durante os semestres cursados na universidade, realizei diversos projetos em parceria com comunidades locais. Confesso que a dinâmica para além da sala de aula foi enriquecedora e necessária para a minha formação acadêmica. Com diversos esforços de professores da Graduação em construir um saber científico pautado na realidade que nos move em uma sociedade complexa e não estritamente acadêmica, saber se comunicar virou um grande desafio.

Foram diversos debates dentro e fora da sala de aula que contribuíram de maneira decisiva para minha formação social. Esses debates constroem e desconstroem várias questões que se tornaram fundamentais para compreender, ao menos, a minha existência enquanto um ser nesta sociedade. E assim, as transformações que aconteceram na minha vida, simultâneas à minha permanência na faculdade, possibilitaram que estes impactos fossem acompanhados com um elevado grau de proximidade e participação de pessoas ao meu redor.

A vontade de me comunicar através da imagem foi, em primeira instância, a minha oportunidade de colocar as ideias, frustrações e qualquer outro aspecto intrínseco

em mim, para além das palavras não ditas. As cores, os movimentos, a imagem e o som, despertaram minha percepção de um mundo com infinitas possibilidades.

Como forma de agradecimento pelo período de intensa aprendizagem que a sociedade brasileira me possibilitou ao realizar este curso em uma universidade pública, busquei um formato que fosse coerente com o alcance que prefiro estabelecer ao interagir com um público cujo saber não seja necessariamente acadêmico.

Me fascino com a ideia de que mesmo alguém que nunca tenha cursado a faculdade e lido um trabalho de conclusão de curso, possa interagir em algum grau com o produto que se deu ao final dessa jornada acadêmica.

Por muitas vezes, discutimos na sala de aula sobre a importância de uma comunicação comprometida com a nossa realidade social. E em muitos momentos de debates e compartilhamentos, vimos como este sentimento de não pertencimento era comum e frequente. Entendi nestes momentos a oportunidade de compartilhar com profundidade esse tema e assim incentivar debates com novos olhares sobre a percepção coletiva que temos, e como somos responsáveis pelo bem-estar social.

4. METODOLOGIA

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A pré-produção deste trabalho começou com a composição de poesias que me ajudariam a definir o caminho para iniciar as atividades. Ao compartilhar minha intimidade com o gênero textual lírico, fui incentivado por minha orientadora a iniciar este trabalho com poemas autorais. A princípio, seria possível utilizar essas poesias no trabalho através de narrativas. Contudo, fiquei surpreso como os quatro poemas que escrevi e percebi que eles tratavam de diversos assuntos intrínsecos a minha trajetória pessoal e que tinham em comum o sentimento de raiva.

Assim, decidi focar em dois poemas e através deles extrair o tema principal deste trabalho. Estes poemas, falam sobre família, religião e amor, como esses fatores coexistem na minha formação. Em uma primeira análise, me chamaram a atenção essa raiva e essa tristeza que seriam facilmente percebidas por qualquer leitor. Fiquei indeciso se eu teria tamanha coragem de expor algo tão íntimo para as pessoas.

Depois de refletir e analisar as possibilidades que estes poemas me traziam, comecei a investigar quais sentimentos de fato me levavam a tamanha dor. E então, percebi que o não pertencimento estava presente não somente nestes dois poemas, mas em todos. Contudo, a família e a religião têm uma ligação direta com esse desconforto. Principalmente como eles formularam o conceito de amar. E assim, comecei a refletir sobre como era a minha intensa relação com o sentimento diretriz deste trabalho.

Tornou-se necessário criar um vídeo experimental que pudesse trabalhar este sentimento com veracidade e intimidade. Entendi que esse processo artístico me possibilitou novos horizontes a serem trabalhados. Como forma de resguardo, guardei os outros poemas, os quais decidi manter somente para mim, e expor o que mais me tocou e exacerbou uma necessidade de me comunicar e libertar através da arte.

Como, desde o princípio, o espaço público configura um elemento importante da minha arte, escolhi falar sobre o não pertencimento por meio de uma leitura poética do mesmo. E depois de escrever possibilidades que poderiam ser trabalhadas, fui desenhando cenas nas quais seria importante trilhar esse caminho no produto audiovisual.

Comecei a desenvolver um roteiro estruturado para dar início às gravações deste trabalho. Contudo, este roteiro entrava em desacordo com uma crença pessoal de que seria possível experimentar as possibilidades que os cenários escolhidos poderiam me oferecer no momento de gravação, através de um corpo sensível àquele ambiente.

Conversei com a equipe de produção sobre o sentimento que seria trabalhado neste produto, e concluímos que seria possível explorar na hora da gravação as possibilidades que nos atingiam naquele determinado momento. Sem nenhuma pressa e com um prazo estipulado de no máximo três dias, construiríamos essa narrativa no decorrer da gravação.

4.2 PRODUÇÃO

Iniciamos a produção deste trabalho na Rodoviária do Plano Piloto em seu horário de pico no período da tarde. O primeiro cenário a ser explorado foram as escadas de acesso para a estação central do metrô. Queríamos explorar o fluxo de pessoas e em um primeiro instante, fomos ameaçados por uma comerciante de que só poderíamos gravar naquele espaço com uma autorização. Logo, entendemos que na verdade se tratava de uma apropriação que ela queria ter sobre aquele espaço para não ameaçar suas vendas.

Entendendo a conjuntura daquele espaço comum e público, nos adequamos à ocupação do mesmo em um campo no qual ela não se sentia ameaçada e, portanto, demos com tranquilidade o início às gravações. Por mais que a câmera se configurasse em uma posição central, devido à intensa correria daquelas pessoas, poucas se atentavam à presença da mesma.

Quando eu participava da cena, o que mais chamava a atenção das pessoas era o fato dos meus pés estarem descalços. Algumas olhavam com nojo e outras com intensa curiosidade. O interessante que em um determinado momento, fui parado por um homem que, bastante preocupado, me perguntou se eu estava bem. Fiquei surpreso por ver diversas pessoas em situação de rua e sem calçados naquele ambiente, mas pelo fato da minha vestimenta se diferir das delas, foi possível que uma pessoa se solidarizasse em perguntar como eu estava.

As outras cenas pela rodoviária causavam o mesmo desconforto nas pessoas. Uma mulher veio me perguntar do que se tratavam as gravações, e ao responder que se tratava de um trabalho para a faculdade, ela imediatamente me questionou se eu era aluno da Universidade de Brasília. Prefiro pensar que esse questionamento veio por vários estudantes desta instituição explorarem a rodoviária como um cenário autêntico para seus trabalhos acadêmicos. Embora, reconheço os estereótipos que temos a uma porcentagem da população que se veste de uma análise negativa.

Em um outro momento da gravação, chegaram dois comerciantes que demonstraram sua territorialidade como a comerciante anterior. Eles chegaram ao nosso lado e conversaram entre si que naquele ponto eles vendiam seus produtos. E provavelmente, estavam ausentes durante aquele período por motivos de fiscalização. Respeitando o trabalho deles, nos deslocamos para uma posição que não os incomodava.

Durante as diversas cenas que realizei com a cadeira, andando pela rodoviária. Me senti quase que despercebido por aqueles que estavam lá. Acredito que o horário da tarde desperta um grande anseio para estes trabalhadores de chegarem logo a seus respectivos lares e por isso, foi extremamente fácil me locomover entre eles sem chamar muita atenção.

Como relatado neste trabalho, o museu não possui um fluxo intenso de pessoas no horário de pico. Então as gravações naquele ambiente foram tranquilas, assim como a preocupação com os equipamentos. A cena na qual me movimento ao som de uma música no museu não me causou nenhuma timidez, todos os movimentos foram construídos naquele momento e com foco no que era proposto através da cena.

Decidimos utilizar o paletó nos momentos em que meu rosto era enrolado por um plástico, para ilustrar que independentemente do quão arrumado eu estivesse, conforme os padrões estabelecidos pela sociedade, nada me faria sentido se essas normas me machucassem. Tínhamos diversas opções de vestimenta para configurar essa cena, como saias, camisetas e paletós dentro das cores monocromáticas trabalhadas neste projeto, contudo, escolhemos o que melhor se encaixaria no nosso objetivo.

Aproveitamos, ainda, para filmar as preces de joelho naquele ambiente ao som de um helicóptero que estava sobrevoando naquele momento. O som imponente do helicóptero traz para mim, em um primeiro momento, a sensação de ser caçado. E aproveitando essa observação, utilizamos do mesmo para iniciar as cenas em que ando

de joelho e assim comunicar através da cena que mesmo orando, a vigilância sobre a minha identidade era presente e ameaçadora.

A equipe de produção estava conectada com a minha proposta e disposta a realizar um trabalho coerente com minha visão artística. Foram várias horas de gravação que possibilitaram uma fluidez necessária para atingirmos o objetivo final. Todas se dispuseram a ter um olhar sensível ao cenário que estávamos inseridos e criar possibilidades que seria possível desenvolver ao longo das gravações.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

A edição e montagem deste trabalho é de minha autoria. Através de um olhar clínico ao material produzido, busquei uma construção cronológica não linear que experimentasse novas formas e sons. O vídeo não tem por objetivo construir transações entre as cenas que pudessem remeter a uma narrativa comum às quais estamos habituados a assistir.

Busquei referências de vídeos experimentais que pudessem me inspirar na edição desse projeto. E assim, o som se tornou um elemento importante. Tanto a trilha sonora, quanto os sons que conseguimos extrair das filmagens e dos experimentos sonoros que realizei em casa, constroem sensações que coexistem com as gravações obtidas. O processo de edição foi desafiador, contudo se mostrou coerente à minha visão do trabalho e possibilitou que novos projetos fossem despertados através deste resultado.

Apreendi durante a faculdade que é possível utilizar ferramentas de edição que não sejam tão sofisticadas e de difícil acesso para construir um trabalho bem elaborado. Devido a diversos fatores, econômicos, sociais e intelectuais, busquei programas que me possibilitassem o manuseio do mesmo com eficiência e criatividade. Foi necessário subverter o sistema com criatividade para criar um projeto artístico e autêntico. Esse aprendizado se deu no desenvolvimento da minha trajetória acadêmica, sendo possível ver minha criatividade na produção e também na pós-produção desse vídeo.

5. DESENVOLVIMENTO

5.1 NATUREZA

A realização desta obra surgiu de um anseio em desabafar minhas angústias através da arte. O desejo de materializar em vídeo os meus pensamentos e construções poéticas esteve crescente desde o início do surgimento desse projeto. Considerando escritas antigas e recentes, poesias e letras de músicas as quais compus, mergulhei intensamente nesse desejo de expressar meus sentimentos.

Interessado em artistas latino-americanos que produzem vídeos performáticos, compreendi que seria possível produzir um vídeo sem a preocupação com uma estética de beleza padronizada e, portanto, colonizada. Desde o início, procurei construir um vídeo que pudesse fugir de uma estética audiovisual padrão a mim empregada, como protagonista, ou a outro personagem que poderia colaborar neste elenco.

Ao pesquisar referências para a produção desta obra, me deparei com a artista Ana Mendieta, que nos revela um trabalho sensível e de profunda inquietude. Segundo as autoras Isabella Rechecham da Silva e Caroline Leal Bonilha, em um artigo sobre a artista:

Ana Mendieta foi uma artista cubana de grande importância para a arte contemporânea na década de 70. Utilizou, ao longo de sua carreira artística, os mais diversos suportes para criar e expor sua arte, dentre os principais estão a escultura e a performance, ambos intimamente ligados ao conceito de body art e, quase sempre, registrados por meio da fotografia. A artista buscava relacionar às obras suas próprias experiências, seu corpo e sua forte ligação espiritual com os elementos da natureza, de forma que, em determinados momentos, podemos considerar sua arte como sendo autobiográfica. (R. DA SILVA e L. BONILHA, 2018, p. 2)

Em suas obras, encontrei elementos que dialogavam diretamente comigo. A natureza, o corpo, o ativismo político, a arte como protesto, são elementos que me chamam a atenção. E principalmente a coragem de ser protagonista de suas obras,

compartilhando dores e revelando seus aspectos de extrema intimidade, despertou em mim a motivação e a coragem para realizar esse projeto.

A natureza tem uma solidariedade com a minha essência que desempenha uma conexão que me permite viver para além de sobreviver. Ela me recorda constantemente sobre a minha pequenez enquanto um ser neste universo, e a generosidade em se conectar comigo para me libertar das incertezas que agoniam o ser humano pós-moderno. Essa libertação é constantemente fracassada quando me desconecto com a natureza em questão. Há um estado mental de consciência no qual sou elevado a uma esfera de pacificação e entrega de meu corpo quando me conecto com a natureza.

A água, em especial, é um elemento da natureza com o qual estabeleço uma profunda conexão. As praias, lagos, rios, cachoeiras, ou simplesmente a água, fortalece meus pensamentos ao tranquilizar e preencher minha mente com suavidade e serenidade, e ao mesmo tempo, com intensa força e paz. Desde criança, valorizo cada segundo que tenho em contato com este elemento da natureza, estabelecendo uma comunhão como ritual de passagem. Assim, retiro as energias pesadas que me carregam para abrir um novo florescer, possibilitando novos recomeços.

O verde estabeleceu em mim, um grande fascínio e respeito. Ele oferece o colo para que eu possa chorar e me acalmar. A árvore para mim é sinônimo de vida e amizade. É frustrante ver as políticas empregadas pelo atual governo de Jair Bolsonaro em relação ao nosso meio ambiente e aos povos indígenas, sem falar de outros extermínios étnico sociais institucionalizados. Durante esse período, o verde virou para mim um símbolo de resistência e força, em que estreitar meus laços com ele não é apenas um trato de respeito, mas de sobrevivência por ambas as partes.

O verde das matas nos dá.

Calma, coragem,

Força para continuar.

Calma, coragem,

Descanso para continuar.

O verde das matas é mais.

(BÁRBARA EUGÊNIA e TATÁ AEROPLANO, 2017)

Busco através dessas conexões, mostrar meu refúgio emocional na elaboração deste trabalho. Ao contrário do não pertencimento, a natureza me fortalece e me revela

enquanto um ser que é pertencente. Esse acolhimento disponibiliza ferramentas das quais a meditação torna-se um processo simples de olhar e tocar no que antecede a minha existência e fortalece a minha casa.

Evidencio a importância dessa relação para minha expressão enquanto um corpo político. Um corpo que se sente infinito ao estabelecer um contato íntimo com esses elementos. Se sentir infinito, neste caso, é entender que minhas ações vão para além da minha existência temporal e que as relações estabelecidas com a natureza, possibilitam um caminho de humildade e profundidade em relação ao conhecimento que esta anciã nos revela.

Partindo desse princípio individual, comecei a desenhar as primeiras cenas do projeto. Em que a calma e o não julgamento deste contato possibilitaram que a escrita florescesse. Construí a partir de um assunto tão íntimo, a possibilidade de resgatar as memórias que me tranquilizam para favorecer um ambiente saudável para a minha mente em frente às dificuldades e barreiras que haviam sido construídas.

Para não gerar desconforto, e iniciar um trabalho coerente sobre o meu sentimento de não pertencimento, escolhi ter um ponto de partida diferente. A partir de uma perspectiva que me encontrava em memórias nas quais era possível me sentir parte de alguém ou de alguma coisa, fui escrevendo cenas que permeiam esse encontro. Tornou-se mais interessante, falar de um desconforto entendendo em quais espaços o conforto era alcançável.

Portanto, é inevitável que a natureza seja um elemento necessário para construção desse vídeo. Servindo até como uma estratégia de proporcionar um bem-estar para se dar início aos trabalhos. E pensando nesta lógica, as primeiras cenas do vídeo vieram de uma elucidação de que na natureza eu sou visto. Com ela, é possível que vejam minha cara, meu corpo, meu coração e minha essência. Por mais que seja apenas um corpo a mais em meio à sua imensidão, estou sem máscaras e sem forças que me submetam a performar a agressividade que me enfraquece aos poucos.

A percepção de ser visto é tratada como um reconhecimento por um sujeito de suas dores e, portanto, suas demandas sociais perante a uma sociedade que escolhe injustamente a quem ela ouvirá ou não, pautada em relações de poder com o uso indiscriminado de opressões que buscam aproveitar ao máximo sua capacidade de sobrevivência através da existência de outros.

O desenvolvimento das cenas permeia a construção de uma visão para si durante esta obra, e assim o pertencimento encontrado em mim se dará na cronologia da história contada. Esta cronologia não tem por objetivo encontrar uma resposta ou representar um gráfico linear crescente e constante, mas demonstrar em mim, nesta linha temporal, a necessidade de sobrevivência e autocuidado, explorada por metodologias que me foram ensinadas desde a minha infância.

A natureza se fará importante por ser a passagem sem fim, em um constante espaço de reflexão que estará disponível para as minhas objeções. Esta disponibilidade se dará pela procura do contato próximo com este meio. O sufocamento da vida moderna urbana terá a disponibilidade de um refúgio, enquanto o ser humano não destruir por completo este mecanismo. A destruição de um refúgio é a destruição de si, não ter para onde se refugiar é não ter caminhos a escolher e, portanto, a existência não se torna uma possibilidade.

Observei os pequenos espaços verdes que estavam presentes nos meus trajetos diários. E nesta observação, encontrei a possibilidade de resgatar de forma simbólica o momento em que busco ferramentas para aliviar a minha dor e me permitir caminhar conforme o fluxo. Existem pequenos pedaços de grama que era possível observar na Rodoviária e no Museu Nacional, e dentro desta perspectiva, a construção de cenas poéticas começou a surgir.

A maioria das cenas seriam em cima do concreto, do rústico, do cinza. Em meio a esta realidade foquei em procurar o verde, o florescer, o sobreviver. Os pequenos espaços onde era possível encontrar uma grama se tornariam a possibilidade de um novo caminhar, uma nova jornada e com isso um perdão ao qual buscava. Este perdão, trata-se de uma lógica que me foi empregada há muito tempo, do quão errado é o diferente, e por isso torna-se necessário se submeter ao ordinário.

De pés descalços, começo a andar pela grama a fim de conhecer este ambiente e perceber nele novas possibilidades. A princípio, estabeleço um caminhar que busca seguir o regime ali empregado, para posteriormente experimentar novas formas de existir que pudessem dialogar diretamente com o meu ser. Quero focar nos meus pés, como uma ferramenta que expõe a possibilidade de me mover, sair do lugar. E por ele estar descalço, representa que meu desejo é me despir de qualquer verdade para buscar a minha.

Assim, como a grama em meio a estes espaços urbanos, esta cena será um pequeno pedaço do vídeo para elucidar que esta tentativa e esta busca tornam-se por muitas vezes esquecidas em meio à correria da vida moderna. Por muitas vezes nos sentimos deslocados, desconfortáveis em determinados ambientes, e nos propomos refletir sobre as possibilidades que temos em interagir com essas dinâmicas, mesmo que seja em decidir não permanecer ali.

Ao estudar as possibilidades que eu pudesse interagir para a construção deste trabalho, me chamaram a atenção os formigueiros nos gramados do nosso cerrado. Tão pequenos na parte exterior, e grandiosos em seu mundo subterrâneo, o fluxo de formigas me permitiu pensar sobre o fluxo intenso de pessoas do qual participamos, especialmente em grandes aglomerados urbanos.

As intensas saídas e entradas de formigas no formigueiro me fizeram pensar na intensa saída e entrada de pessoas na minha vida à medida que exploro novos ambientes e busco me encontrar neste mundo de infinitas possibilidades. Contudo, entender que estas possibilidades existem já é um desafio. E como o formigueiro, essa possibilidade só se tornou realidade ao explorar um olhar sensível ao ambiente que me circunda.

Independente dos ambientes opressores dos quais eu estava inserido, tive a oportunidade de interagir com pessoas que me ajudaram e que a troca de uma conexão sincera e não maléfica fosse possível. Como o fluxo de formigas, a maioria das pessoas entram e saem das nossas vidas em meio a esta jornada que iniciamos. É inevitável estar em contato com este fluxo de pessoas, e aprender a se relacionar com essa dinâmica como uma tática de sobrevivência torna-se imprescindível.

Cada conexão foi e se torna necessária para me entender enquanto um ser naquele espaço e contribui para minha formação social. Algumas pessoas entram e saem deixando muita dor, outras, muitas alegrias, o que se torna importante é saber que a dor é inevitável, mas que se expor a agentes tóxicos pode por muitas vezes ser uma escolha baseada nos aprendizados que temos em nossa trajetória pessoal.

5.2 RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO

Aos cinco anos de idade, cheguei nesta cidade que se tornou minha casa. Brasília despertou em mim a possibilidade de realizar sonhos e de me entender enquanto um corpo político. Minhas memórias resgatam sentimentos e histórias nos quais

compartilho uma íntima relação com esta cidade. Minha infância, minha adolescência, fase adulta e toda a formação do meu ciclo de amizade, se deram nesta cidade. Brasília não apenas acompanhou, mas está diretamente ligada à minha visão de mundo.

Nesta obra, tornou-se imprescindível que a cidade fizesse parte do roteiro. Seus espaços urbanos, sua ligação com minha visão de mundo e meu entendimento enquanto sujeito que não apenas colabora com estes espaços, mas também os compõe, desenham cenas importantes na formação do roteiro.

O sentimento de não-pertencimento vem diretamente de um descontentamento com os espaços que ocupo? Esse desconforto vem da observação do meu corpo enquanto um sujeito estranho e não bem-vindo nestes espaços? Qual a relação entre poder ir e vir, e querer ir e vir? Sinto-me como um elemento necessário ou desnecessário naquele ambiente?

O primeiro espaço que escolhi explorar nesta obra foi a Rodoviária do Plano Piloto, um lugar no centro da cidade. Ela se fez presente durante minha trajetória escolar, acadêmica e profissional. Entre ônibus e metrô, a rodoviária foi um centro de passagem no qual eu circulava diariamente. Devido aos horários de meus compromissos, em consequência aos padrões estabelecidos para os trabalhadores comuns, raramente eu frequentava este espaço nos horários que não eram de pico.

Em meio à pressa e à falta de tempo de apenas mais uma pessoa que trabalha para sobreviver, percebi a rodoviária enquanto um espaço rico em referência para minha arte, mesmo que, inicialmente, através de uma absorção inconsciente. Pessoas de diversas formas, de diferentes origens e com diferentes propósitos. Na rodoviária é possível ver pessoas tão diversas física, cultural e, portanto, afetivamente. Enquanto em sua maioria, nos horários de pico de circulação as pessoas andam com rapidez e seriedade, vemos se nos permitirmos, algumas pessoas que as provocam com sua calma, lida como lentidão ou até mesmo grosseria.

Entre risos, caras sérias, pessoas visivelmente irritadas, cansadas ou até frustradas, me coloco em parte dessa composição de fluxo que circula pela rodoviária nas segundas-feiras às sete e meia da manhã, por exemplo. Ao mesmo tempo em que participo desse ritual de sair do metrô andando o mais rápido possível, circular pela rodoviária sem tempo para qualquer obstáculo vivo ou não no meio do caminho, e finalmente entrar no ônibus na hora desejada, estar condicionado a esta rotina ou até mesmo pertencer a ela, me incomoda absurdamente.

Em meio ao fluxo enorme de pessoas que circulam a rodoviária, meu corpo apenas se torna mais um. Contudo, se o não-pertencimento desperta em mim o desconforto em estar em um determinado espaço, por que me sinto incomodado de estar na rodoviária, um espaço ao qual pertencço? Começo a entender que o incômodo está na falta de escolha e conseqüentemente no resultado das interações exercidas naquele espaço.

Por se tratar de um espaço de transição, a emoção que levo ao transitar naquele determinado espaço torna-se essencial para compreender como implica a minha relação com este meio. Para onde vou? O que vou encontrar no final do caminho? Quanto tempo levo para tal? Como o afeto é construído em relação a um espaço? E assim, compreendo que este desconforto é apenas uma analogia a diversas situações que enfrento na minha vida.

Experimentalmente uma cidade, andar nas ruas, mover-se nos transportes coletivos ou individuais, é entrar em contato com uma multiplicidade de afetos tão variáveis que o cidadão não encontra sempre uma solução estável. Medo, alegria, amor, ódio pertencem a um conjunto instável que acompanha o conhecimento do urbano ao longo de temporalidades históricas. Um lugar como o centro de uma cidade, por exemplo, ruidoso, com pessoas andando apressadas, burburinhos de comerciantes, poderá ser um lugar que gera em alguém ódio ou medo, mas, ao mesmo tempo, alegria ou amor. (BERTINI, 2014, p. 69)

Como a Bertini (2014) cita, essa experimentação com a cidade explora um campo afetivo que ultrapassa a percepção sobre a realidade que o sujeito vive. Ela se torna conseqüente dessa transação nestes meios. Acredito que ao gravar cenas em que posso trabalhar o descontentamento ou outras emoções com a realidade empregada em mim, posso exemplificar através da ocupação deste meio sob uma ótica visivelmente afetiva.

Para a primeira cena, configuro dois cenários na Rodoviária do Plano Piloto. Eles deverão ser gravados a partir do mesmo ângulo, em que favoreça uma perspectiva

ampla e que os objetivos sejam facilmente vistos. É importante que a movimentação em consequência da circulação de pessoas seja intensa e por isso estes sujeitos serão tão protagonistas quanto eu nessas cenas.

De um lado, enquanto ambos os cenários estão com uma circulação intensa de pessoas na rodoviária, será observado um sujeito, representado por mim, o qual acompanhará o fluxo de pessoas. Este sujeito estará vestido de uma forma monocromática, utilizando uma cor comum àquele espaço.

Assim, é passível de interpretação que o seu percurso aparente ter um trajeto pré-definido aos olhos daqueles que poderão, sem nenhum comprometimento, notar sua ação. No outro lado, este mesmo sujeito circula com uma velocidade distinta às pessoas ao seu redor, buscando novas formas de explorar aquele ambiente.

A importância dessa narrativa é utilizar de um espaço público em que exista uma relação de intimidade entre ambas as partes, o sujeito e o local, para evidenciar através desta relação, o paradoxo em que o não-pertencimento é notado em mim. Enquanto existem espaços em que me coloco em uma posição de subalternidade ao ambiente projetado, em outros encontro-me com coragem de subverter a lógica que está presente neste.

Para perceber essa relação, torna-se importante que o olhar seja propositalmente sensível àquele ambiente ou grupo social, em que poucas pessoas podem reparar que existe um sujeito utilizando novas ferramentas de percorrer aquele fluxo. A partir de um desconforto existencial, em que os questionamentos sobre qual papel você desempenha e está disposto a desempenhar naquele ambiente, foi possível desenvolver uma análise através da construção de cenas.

Esta análise, a princípio, esforça-se em não buscar uma solução ou um parecer sobre esta relação, mas entender como o ambiente é afetado por estas interações. O quão de fato este sujeito atrapalha e principalmente prejudica estas dinâmicas sociais, ou quão de fato ele apenas exerce um papel no qual não fere em nenhum grau a possibilidade das outras pessoas permanecerem em seus determinados fluxos e modo de agir.

Assim, ao longo da minha vida, como ilustrado em uma das cenas supracitadas, entendi que existiam outras formas de caminhar. Ao exercer minha identidade fora da norma comportamental estabelecida naquele cenário, utilizo ferramentas que proporcionam relações distintas das que estão sendo exploradas, como atos de

sobrevivência e por algumas vezes, resistência à violência contra a alteridade perceptível sob meu sujeito.

Novas interações são criadas através de tentativas de ocupar aquele espaço por meio de formas em que posso me encontrar sem me ferir. Essa criação vem de uma necessidade, por muitas vezes inconsciente da minha parte, de procurar por respostas e por um ambiente no qual sinto-me necessário e por meio deste, o conforto para além do eu com o outro e que a legitimação da minha presença seja notada.

As escadas nestes espaços públicos funcionam como diretrizes a serem seguidas que conectam lugares e pessoas em suas variadas rotinas. As direções podem ser infinitas, contudo ao entrar em uma escada, espera-se que você saia. Embora, em sua maioria, as escadas estabeleçam uma direção na qual existe um ponto inicial que transita até o seu ponto final. Em uma trajetória linear, as possibilidades vão para além de uma observação simples. Existem pessoas que iniciam esse caminho e retornam para o ponto de partida por algum motivo.

Existem pessoas que enxergam as escadas como obstáculos de locomoção e assim, não as utilizam por uma severa falta de acessibilidade. Existem outras que as enxergam como motivação e recompensa de um exercício buscado. Há também pessoas que em contrariedade ao constante fluxo de uma ação de ir e vir, param e esperam por outro alguém ou apenas utilizam esses espaços como um ponto para conversar e interagir com outras pessoas, ou apenas para descansar.

Esse ambiente de idas e vindas compreende em mim a procura. Sendo esta procura, o caminho para um objetivo. Seja este objetivo sair de um lugar para o outro ou alcançar outro lugar que esteja, até então, inexplorável. Por mais que pareçam instruções de uma direção a ser seguida, as escadas estabelecem com seus usuários uma ferramenta e um espaço temporal de locomoção.

Às vezes diminuimos o ritmo de nossa caminhada para subir calmamente as escadas, por outras vezes aceleramos o passo a fim de terminar prontamente esta passagem. Entre outras exemplificações, enxergo as escadas como uma passagem que é difícil de ser superada. A reflexão enquanto uma busca de pertencimento, torna-se atemporal ao entender a realidade sobre ela submetida.

A eterna passagem torna-se plausível à minha percepção de mundo. Essa busca está a cada passo mais distante, uma vez que as implicações exteriores e interiores ao decorrer de nossas vidas mudam as dinâmicas existentes naquele espaço. Enquanto pessoas passam pelas escadas, em suas diversas formas, e com um olhar de fora, distante, elas aparentam estar indo para a mesma direção. Se todos realmente fossem para a mesma direção, a busca por si só não existiria, pois o destino final seria de comum encontro e estático.

Contudo, a realidade nos desafia a um olhar em constante mudança. Embora a busca pelo pertencimento seja uma constante em minha vida e talvez no plano real da minha existência um panorama de uma imperfeição estrutural, a questão seja sobre acreditar na busca. Entretanto, como não acreditar no que se acredita? A ilusão é criada por mim ou submetida a mim? Devo utilizar das mesmas passagens, e deste ponto de transição, olhar para novos destinos?

Outro elemento que compõe esta busca através de uma leitura poética neste espaço público é a construção de cenas nas quais ando com uma cadeira por diversos cenários da Rodoviária. Ando com a determinação de encontrar algum espaço em que posso me estabelecer. E mesmo que a determinação seja vista no andar, é possível ver em suas diversas trajetórias que o sujeito não sabe para onde está indo, apenas que deve seguir em frente.

5.3 MUSEU NACIONAL

O museu nacional é um ambiente com bastante espaço e que estabelece comigo uma relação de mútuo interesse. Em uma posição central na cidade, ele se torna um belíssimo monumento. Enquanto ao seu lado, na Rodoviária do Plano Piloto, existe um fluxo intenso de pessoas, no museu o chão cimentado torna-se um mar cinza que destaca a ilha, representada pelo edifício do museu.

Nos horários de pico da cidade, vejo poucas pessoas passando pelo museu, devido às lógicas de locomoção que poupam a sua utilização como um espaço de transição para chegar ao seu destino final. E devido a esta calma em meio ao intenso fluxo de pessoas, o museu torna-se um espaço que se destaca por sua tranquilidade e grandiosidade.

Neste espaço, quero explorar na construção deste vídeo a possibilidade de um encontro no qual posso ter comigo mesmo e elucidar as constantes transformações que me proponho a ter. Um processo doloroso, porém necessário para acolher a minha individualidade em meio ao caos que me cerca.

Em um cenário caótico, essa tranquilidade me permite compor a minha poesia ao libertar minhas aflições e criar o novo a ser experimentado. O resultado deste vídeo é encontrado na cena em que me encontro no museu com a cadeira e começo a colocar através dos movimentos corporais a metamorfose e o intenso fluxo que sinto. A dor, a tristeza, a solidão e todos os sentimentos que me são guardados enquanto ando vagamente pelos ambientes e liberto naquele espaço.

Os movimentos não foram ensaiados para que a espontaneidade sobressaísse de acordo com o mergulho poético naquele momento. Queria explorar ao máximo os meus sentimentos e a minha comunicação não-verbal através daquela poesia. Foi interessante perceber que após gravar algumas cenas de frente para a câmera, a posição de perfil contemplava melhor esses movimentos. Começar o movimento pelas mãos até contaminar o corpo todo demonstra essa percepção sensorial que em primeiro contato me parece pequena, mas sem que eu perceba me toma por inteiro.

Outra cena gravada no museu e aproveitando seu mar cinza de cimento, foram as preces que eram realizadas naquele chão duro e sem cor, representando a ausência de vida. O joelho estava diretamente ligado com as inúmeras e incansáveis preces que realizei ao longo da vida em negação da minha individualidade neste universo. Seriam preces para pedir cura, contudo uma cura inalcançável, visto que esta se tratava de um desejo alheio e não coerente com a minha essência neste mundo.

Lembro-me de diversas vezes me martirizar pelos sentimentos que vinham com muita força em meu ser. Amar não era visto como um sentimento bom, embora para pessoas heterossexuais fosse um sentimento louvável. Enquanto eles podiam amar, eu deveria me negar e rezar para não ser capaz de amar pessoas do mesmo gênero do que o meu, ou de gêneros deslegitimados por esses que sentem a necessidade de padronizar a experiência individual que todos temos neste universo.

O não pertencimento tem uma concreta ligação com a performance que exerço neste mundo. A minha sexualidade, a minha forma de ver o mundo, a minha não preferência por uma religião a outra, ou até mesmo a descrença da dominação de uma

religião em detrimento da fé de outra, causaram um enorme incômodo àqueles que estavam ao meu redor. Ser errado, e não estar errado, eram frases que ecoavam na minha cabeça diariamente.

Como encontrar afeto naqueles que acreditam que o bom que você possa oferecer é horrível, duvidoso? Por que ser diferente incomoda tanta gente? Por que não aceitamos que a diversidade nos torna mais humanos? Ao perceber que o amor que me alimentava era na verdade o preconceito e o julgamento que não vinham de mim, decidi ser coerente com a minha existência e permitir a felicidade como um meio possível.

Esse processo doloroso e de várias descobertas alimentou o meu ser e me deu um propósito de vida. Não quero que outras pessoas passem por esta contínua culpa e por este não pertencimento que muito machuca e por algumas vezes elimina a nossa existência. A dança que realizei através do meu corpo no museu demonstra que é possível encontrar novos movimentos, embora seja doloroso e por muitas vezes cercados de dúvidas.

Estas dúvidas foram colocadas em nossa cabeça, porque o coração nos alimenta de verdades e a maldade dos olhos se preocupa em julgar o que de fato não se conhece. Por que só o seu amor é natural? Por que só as suas verdades devem ser impostas pelo outro? O inferno talvez não esteja após a morte da vida terrena, mas em uma experiência a ser vivida neste plano por aqueles que o tenham em seu coração.

Sair desse fluxo de pensamentos é extremamente dolorido, mas a possibilidade de ver no outro o coração, e não o gênero, sexualidade, raça, ou religião, é uma possibilidade libertadora. A partir desta visão de mundo, não importa como as pessoas se vestem, falam, amam. O importante é a integridade delas enquanto seres diferentes de mim e que coabitam este espaço comigo. Não se trata da minha verdade sobre elas, ou da imunda percepção de que a dita salvação é individual. Se descarregamos essa responsabilidade social, nos limitamos a julgar a vida daqueles que vivem diferente da forma que escolho viver.

O plástico que coloquei em meu rosto em algumas cenas no museu tem o propósito de mostrar esse sufocamento enquanto sociedade, em que as verdades escolhidas pelos grupos de opressão sejam universalizadas, em termos de sua aplicação. Esses dogmas que dificultam que possamos simplesmente existir. E por isso, essas

verdades da fé, se tornam verdadeiras ferramentas de opressão e homogeneização de uma sociedade étnica, sexual e culturalmente diversa.

Enquanto algumas cenas em que tenho o plástico em volta do meu rosto são estáticas e viradas para câmera, em outras estarei sendo pisado na cara. O intuito é mostrar que enquanto tentamos subverter essa lógica de opressão e assumimos nossas identidades e vivências, o sufocamento se torna mais presente. Viver nossas identidades para eles é nos colocar como alvos de suas covardes violências, como se viver conforme seus valores não nos fosse extremamente violento. E essa cena, em específico, retrata a consequência que temos em escolher assumir nossas identidades. Viramos alvos, porém torna-se necessário para que consigamos existir. Sofro porque existo, e não vivo em sofrer.

Na cena final deste vídeo performance, encontro-me novamente no museu, e mostrando um sentimento que em mim é frequente. Embora seja possível me deslocar e tentar me encontrar em novos ambientes, o não pertencimento evidencia a toxicidade à qual fui submetido, e a limitação de espaços em que minha presença é bem-vinda torna-se menos frequente. Se eu era bem-vindo, não era em respeito à minha individualidade, tratava-se da minha subalternidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento e a finalização deste projeto, além do memorial sobre o processo de idealização e produção deste, acredito ter alcançado meus objetivos. Compreendo que o Trabalho de Conclusão de Curso é o fechamento de um ciclo e, portanto, contém elementos que demonstram o meu crescimento e a minha capacidade intelectual, desenvolvidos ao longo desses anos de formação.

Apreendi que a arte é uma ferramenta poderosa de existência para seres capazes de produzir conhecimento nesta sociedade. As diversas discussões e aprendizados que obtive durante a graduação incentivaram a busca por produzir bons questionamentos e assim solucionar os mesmos com comprometimento, criatividade e responsabilidade.

Em um momento político polarizado e uma sociedade em intensa e constante transformação, os graduandos de comunicação exercem um papel fundamental nessas dinâmicas sociais. A saúde mental se tornou um tópico relevante na construção dessas narrativas e portanto, o debate com seriedade e autenticidade nos convida a aprofundar o nosso conhecimento para as organizações, e criar novas soluções que possam favorecer uma sociedade doente. A procura por uma sociedade mais justa só é possível quando nos propomos a pensar no coletivo e na saúde de todos, pois as conexões e interações são inevitáveis.

7. REFERÊNCIAS

7.1 BIBLIOGRAFIA

BERTINI, F. M. A. **Mudanças urbanas e afetos: estudo de uma cidade planejada.** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. 2014.

CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha (poesia).** Editora Global; Edição: 10ª. São Paulo-SP. 2010

R. DA SILVA, Isabella; LEAL BONILHA, Caroline. **Provocações de Ana Mendieta: o corpo e a natureza como objetos de arte.** Pelotas-RS, volume 01, nº 07, 2018.

MATURANA, Humberto R.; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação.** Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVA, Eriéide Carla; PASSOS, Larissa. **Invisibilidade homoafetiva nos meios de comunicação: um olhar sobre a heteronormatividade nas propagandas de outdoor no dia dos namorados.** Anais do Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História – LHAG/UNICENTRO, Guarapuava-PR, p. 251-256, 2012.

SILVA TT. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2000.

7.2 DISCOGRAFIA

BELCHIOR. **Alucinação.** 1976. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/2AwtTIdUFaUI69alioeFut>. Acesso em 24 de nov. 2019.

EUGÊNIO, Bárbara Eugênio; AEROPLANO, Tatá. **Vida ventureira**. 2017. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/6UAPgGywK4HPaP7DjpHZRZ>. Acesso em 24 de nov. 2019.

7.3 VIDEOGRAFIA

E. PÉREZ, Laura. **Ana Mendieta: Decolonialized Feminist and Artist**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVk4UBA6HGQ>. Acesso em 24 de nov. 2019.

GUIMARÃES, Cao. **Depois**. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fMlFTBrF_nU&t=122s. Acesso em 24 de nov. 2019.

RIST, Pipilotti. **Ever is over all**. 1997. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a56RPZ_cbdc. Acesso em 24 de nov. 2019.

ANEXO A - PRODUTO

Disponível em: <https://youtu.be/FdTXuzaYMLk>. Acesso em 28 de nov. 2019.

ANEXO B - EQUIPE

Roteiro e Direção: Vinícius Oliveira

Direção de Fotografia e Arte: Lídice Silveira

Produção e Som: Yara Martins

Trilha sonora: Malena Stefano

Edição e Montagem: Vinícius Oliveira

ANEXO C - POESIA AUTORAL: PARTE I

Uma gravidez,
Um terço,
Uma boca.
O necessário para difamar
O necessário para se inocentar

É intrínseco pensar
Eu não!
Mas de nada vale minha palavra
Se os bucéfalos convertidos
Se protegerão.

Queimaram-me vivo.
Em seu nome.
E agora falam:
Tudo que preciso é perdão?

Se minha carne sangra
E clama para ser expurgada
É do seu sangue
É que vou me deliciar
Onde o cordeiro declara
A canonização da
Covardia em seu altar

Não ousem me ferir novamente
As cicatrizes ainda pulsam
Em dor sem amor

Essa santa mentirosa,
Irá pagar pelo que fez
Assim como os covardes
Ao consentirem com a minha dor

Não vou me preocupar
Quando caírem de joelhos
Por uma eternidade
Porque de nada vai adiantar
Uma lágrima se nesta vida
Não me pediram perdão!

Vão em paz, Adão e Eva
E se desvirtuem cada vez mais.

ANEXO D- POESIA AUTORAL: PARTE II

Renasci
Vivi
Vivo

Perdido procuro meu lugar
Meu ar
É o despertar

A cada toque
Uma possibilidade de se entregar
Sentir seu corpo
A minha pele
E com ele
Eu quero estar

Que incrível
É se apaixonar pelo seu amigo
Que incrível é se apaixonar Por
um homem
E esse homem
Se apaixonar por mim

Vivi um paraíso
Uma nova possibilidade

A adolescência que não vivi
Agora vivo
As histórias de amor que me contaram
Agora as escrevo

Ser um homem capaz
De amar outro homem
É ser homem

Ser capaz
De ir contra o que falam
Para amar
É ser humano

Se não quer beijar,
Não beije!
Se não quer transar,
Não transe!

Só nem vem mandar
Na minha cabeça,
Corpo,
Coração,
Decisão!

Profano,
É o que dizem.

Pecador,
É o que gritam.

Repulsa,
É o que sentem.
De não serem capazes de ser
Além de suas mentes que mentem

Se foi uma tragédia:
Eu vivi.
Ergui.
Aprendi.

Jamais a palavra de ordem
Será desistir.

Amar não é suficiente.
Amar não basta.
E está tudo bem.
É fato que de fatos se vive.

De que adianta se não amar
Eu,
Me amar!

De que adianta se não respeitar
Eu,
Me respeitar!

Em um universo de energias
Para catalisar a explosão
Basta depender
Se entregar
Pra se prender

E pronto!
Destruição!

Tive que me cuidar
Impedi me entregar
Em vão!